

Inclusão e Educação 2

Danielle H. A. Machado
Janaína Cazini
(Organizadoras)



 **Atena**
Editora

Ano 2019

Danielle H. A. Machado
Janaína Cazini
(Organizadoras)

Inclusão e Educação

2

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Natália Sandrini

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

I37 Inclusão e educação 2 [recurso eletrônico] / Organizadoras Danielle H. A. Machado, Janaína Cazini. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Inclusão e Educação; v. 2)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-030-8

DOI 10.22533/at.ed.308191501

1. Educação e Estado – Brasil. 2. Educação – Aspectos sociais.
3. Educação inclusiva. 4. Língua Brasileira de Sinais. 5. Braille
(Sistema de escrita). I. Machado, Danielle H. A. II. Cazini, Janaína.
III. Série.

CDD 379.81

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A obra “Educação e Inclusão: Desafios e oportunidades em todos as séries educacionais” aborda uma série de livros de publicação da Atena Editora, em seu II volume, com 19 capítulos, apresentam estudos sobre Pessoas Cegas, Sistema Braille, Pessoas Surdas, Sistema de LIBRAS e as novas tecnologias aplicadas na educação para estimular e auxiliar o processo de ensino e aprendizagem desse público.

A Educação Inclusiva é colocada a luz da reflexão social desde 1988 com a Constituição Federal Brasileira onde garante que a educação é um direito de todos e é dever do Estado oferecer Atendimento Educacional Especializado, preferencialmente na Rede regular de ensino. Porém, somente em 2001 com a Resolução n2 e o Parecer n9 que se evidencia como esse processo de inclusão educacional de pessoas com deficiência deve ser feito, fomentando uma comoção em todos as esferas educacionais como o currículo escolar, formação de docentes e didática de ensino.

Colaborando com essa transformação educacional, este volume II é dedicado ao público de cidadãos Brasileiros que possuem deficiência visual (cego) e deficiência auditiva (surdo) trazendo artigos que abordam: experiências do ensino e aprendizagem, no âmbito escolar, desde as séries iniciais até a o ensino universitário que obtiveram sucessos apesar dos desafios encontrados; a mediação pedagógica como força motriz de transformação educacional e a utilização de tecnologias assistivas para auxiliar o aprendizado do discente cego ou surdo.

Por fim, esperamos que este livro possa fortalecer o movimento de inclusão social, colaborando e instigando professores, pedagogos e pesquisadores a pratica da educação inclusiva ao desenvolvimento de instrumentos metodológicos, tecnológicos, educacionais que corroboram com a formação integral do cidadão.

Danielle H. A. Machado
Janaína Cazini

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A CONCEPÇÃO DOS CEGOS SOBRE O ENSINO DO SISTEMA BRAILLE NO CONTEXTO DAS NOVAS TECNOLOGIAS	
<i>Eliane Maria Dias</i>	
<i>Francileide Batista de Almeida Vieira</i>	
DOI 10.22533/at.ed.3081915011	
CAPÍTULO 2	13
BAIXA VISÃO E A INTERDISCIPLINARIDADE NA “AMPLIAÇÃO” DOS SABERES	
<i>Eurides Bom im de Melo</i>	
DOI 10.22533/at.ed.3081915012	
CAPÍTULO 3	23
DESAFIOS E POSSIBILIDADES PARA PRÁTICAS EDUCACIONAIS INCLUSIVAS DIANTE DE ALUNOS CEGOS NA UNIVERSIDADE	
<i>Lisiê Marlene da Silveira Melo Martins</i>	
<i>Luzia Guacira dos Santos Silva</i>	
DOI 10.22533/at.ed.3081915013	
CAPÍTULO 4	34
O ENSINO DE BIOLOGIA PARA DEFICIENTES VISUAIS DO INSTITUTO DOS CEGOS DE CAMPINA GRANDE: EXPLICANDO EMBRIOLOGIA HUMANA COM A VOZ, ARGILA E AS MÃOS	
<i>Álisson Emmanuel Franco Alves</i>	
<i>Jessica Maria Florencio de Oliveira</i>	
<i>Mayla Aracelli Araujo Dantas</i>	
<i>Elizabeth de Lourdes Bronzeado Krkoska</i>	
DOI 10.22533/at.ed.3081915014	
CAPÍTULO 5	46
EMPRESTA SUA VOZ? RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA INCLUSIVA NA UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI-URCA	
<i>Martha Milene Fontenelle Carvalho</i>	
<i>George Pimentel Fernandes</i>	
<i>Maria José Chaves</i>	
<i>Ana Patrícia Silveira</i>	
<i>Luiza Valdevino Lima</i>	
DOI 10.22533/at.ed.3081915015	
CAPÍTULO 6	54
O OLHAR DO OUTRO SOBRE A DIFERENÇA SURDA: REPRESENTAÇÃO SOBRE OS SURDOS E A SURDEZ	
<i>Francisco Uélison da Silva</i>	
DOI 10.22533/at.ed.3081915016	
CAPÍTULO 7	65
ESCOLA BILÍNGUE PARA SURDOS	
<i>Francyllayans Karla da Silva Fernandes</i>	
DOI 10.22533/at.ed.3081915017	

CAPÍTULO 8 72

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INCLUSIVAS NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO BILÍNGUE DE ESTUDANTES SURDOS DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Wilma Pastor de Andrade Sousa

Antonio Carlos Cardoso

Keyla Maria Santana da Silva

Lindilene Maria de Oliveira

DOI 10.22533/at.ed.3081915018

CAPÍTULO 9 80

EDUCAÇÃO INCLUSIVA: UM ESTUDO SOBRE A AVALIAÇÃO DE ESTUDANTES SURDOS NA ESCOLA REGULAR

Vanessa Nicolau Freitas dos Santos

Andreza Cristina Santos de Araújo

DOI 10.22533/at.ed.3081915019

CAPÍTULO 10 90

A EDUCAÇÃO DE SURDOS NA REDE MUNICIPAL DE ENSINO NO MUNICÍPIO DE ABAETETUBA: AVANÇOS E DESAFIOS

Giovana Parente Negrão

Allan Rocha Damasceno

DOI 10.22533/at.ed.30819150110

CAPÍTULO 11 104

O INTÉRPRETE DE LIBRAS NO SISTEMA EDUCACIONAL DE TERESINA – PIAUÍ

Ana Cristina de Assunção Xavier Ferreira

Camélia Sheila Soares Borges Araújo

DOI 10.22533/at.ed.30819150111

CAPÍTULO 12 119

O ENSINO HÍBRIDO COMO ALTERNATIVA PARA A EDUCAÇÃO INCLUSIVA DE SURDOS

Rejane do Nascimento da Silva

DOI 10.22533/at.ed.30819150112

CAPÍTULO 13 125

A CONTAÇÃO, OS OUVINTES E O ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO: INTERFACES DE UM ENSAIO INCLUSIVO

Martha Milene Fontenelle Carvalho

Francileide Batista de Almeida Vieira

DOI 10.22533/at.ed.30819150113

CAPÍTULO 14 134

FERRAMENTAS DE INCLUSÃO PARA O ENSINO DE QUÍMICA: DESENVOLVIMENTO DE DIAGRAMAS DE DISTRIBUIÇÃO ELETRÔNICA PARA ALUNOS CEGOS E SURDOS

Laís Perpetuo Perovano

Amanda Bobbio Pontara

Ana Nery Furlan Mendes

DOI 10.22533/at.ed.30819150114

CAPÍTULO 15 145

A INCLUSÃO DO ALUNO SURDO NO ENSINO REGULAR: O QUE DIZEM OS PROFESSORES

Ana Claudia Tenor

DOI 10.22533/at.ed.30819150115

CAPÍTULO 16 157

TECNOLOGIAS DIGITAIS COMO FERRAMENTA EDUCACIONAL NO PROCESSO DE INCLUSÃO SOCIAL DE PESSOAS COM NECESSIDADES ESPECIAIS

Márcia Verônica Costa Miranda

Ruan dos Santos Silva

DOI 10.22533/at.ed.30819150116

CAPÍTULO 17 169

TECNOLOGIA ASSISTIVA E PESSOAS COM DEFICIÊNCIA: CONSTRUINDO UMA EDUCAÇÃO SUPERIOR INCLUSIVA

Josenilde Oliveira Pereira

Thelma Helena Costa Chahini

DOI 10.22533/at.ed.30819150117

CAPÍTULO 18 180

LÍNGUA DE SINAIS E IMPLANTE COCLEAR: O PONTO DE VISTA DE PESQUISADORES

Ana Cláudia Tenor

DOI 10.22533/at.ed.30819150118

CAPÍTULO 19 188

EDUCAÇÃO SOMÁTICA COMO PERSPECTIVA INCLUSIVA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Fábio Soares da Costa

Janete de Páscoa Rodrigues

Ana Carolina Brandão Verissimo

Andreia Mendes dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.30819150119

SOBRE AS ORGANIZADORAS 203

BAIXA VISÃO E A INTERDISCIPLINARIDADE NA “AMPLIAÇÃO” DOS SABERES

Eurides Bomfim de Melo

Possui graduação em Pedagogia e especialização em Gestão e Coordenação Pedagógica, ambos pela Universidade Federal de Pernambuco. Especialização em Educação Especial pela Faculdade Joaquim Nabuco, Curso de Tiflologia.

RESUMO: O objetivo da pesquisa é ampliar as experiências de ensino e aprendizagem, no âmbito escolar, dos educandos com baixa visão, incluso em sala regular de ensino, buscando refletir e promover o fomento da inclusão escolar e social para a constituição da cidadania. As observações e intervenções foram realizadas em sala de aula regular, de uma instituição pública e municipal de ensino, no município do Cabo de Santo Agostinho – PE. Tendo como foco a promoção da acessibilidade a informações e a produção de materiais pedagógicos adaptados para os educandos com baixa visão. Como também, instigar o envolvimento dos profissionais que trabalham em vários segmentos da unidade escolar (docentes, coordenadores, administrativos, etc) de forma cooperativa e coletiva, e comunidade escolar. Concluímos que os envolvidos no projeto demonstraram curiosidade e interesse em “conhecer” as especificidades dos sujeitos com baixa visão. E, também, as estratégias

pedagógicas diversificadas, desenvolvidas no âmbito escolar, para dar suporte a gestão, o acompanhamento e a avaliação do ensino e aprendizagem dos educandos, contribuindo para a minimização de barreiras atitudinais e a viabilização da inclusão escolar e social, por meio das reflexões acerca da contribuição social que a convivência com as diferenças ocasionam no fomento de uma Educação para Todos.

PALAVRAS CHAVE: Inclusão escolar, Baixa visão, Aprendizagem.

ABSTRAT: The research objective is to broaden the experiences of teaching and learning in schools, the students with low vision, included in regular school room, seeking to reflect and promote the development of educational and social inclusion for the constitution of citizenship. The observations and interventions were carried out on a regular classroom, a public and municipal educational institution in the city of Cabo de Santo Agostinho - PE. Focusing on the promotion of accessibility to information and the production of teaching materials adapted for students with low vision. As well, instigate the involvement of professionals working in various segments of the school unit (teachers, coordinators, administrative, etc.) cooperatively and collectively, and the school community. We concluded that those involved in the project

showed curiosity and interest in “know” the specifics of subjects with low vision. And also the diverse pedagogical strategies developed in schools, to support the management, monitoring and evaluation of teaching and learning of the students, helping to minimize attitudinal barriers and the feasibility of school and social inclusion through reflections on the social contribution that living with differences cause in promoting education for all.

KEYWORDS: School inclusion, Low Vision, Learning.

INTRODUÇÃO

Foi a partir das inquietações sentidas pelas docentes no transcorrer dos afazeres pedagógicos na modalidade de Ensino Fundamental, em relevância ao processo de inclusão escolar em sala regular, que surgiu a necessidade de desenvolver um trabalho cujo o foco valorizasse o respeito as diferenças e as especificidades do sujeito, no âmbito escolar, e também fora dele. Tendo como premissa a promoção de um ambiente acolhedor, acessível e educativo para todos os educandos. Sendo assim, optamos por trabalhar com a leitura do livro “A Floresta Encantada” de Manuel Victor como uma fonte e um meio para a produção e ressignificação dos conhecimentos.

A problemática que nos instiga, é: como a unidade escolar pode garantir o efetivo ensino e aprendizagem dos educandos¹ com baixa visão, de maneira interdisciplinar com os demais tipos de deficiências encontradas na sala de aula e/ou na escola?

Dessa forma, elencamos como objetivo geral: promover o conhecimento sobre a baixa visão e a produção e uso coletivo de materiais pedagógicos adaptados. E específicos: a) Conhecer o livro Floresta Encantada e a biografia do autor Manuel Victor; b) Favorecer estudos interdisciplinares sobre a deficiência da baixa visão e a produção de materiais pedagógicos adaptados; c) Promover a culminância com a exposição dos materiais produzidos pelos educandos para a comunidade escolar.

Sendo assim, reforçamos a relevância de minimizar as barreiras atitudinais no que se refere a aceitação da pessoa com baixa visão, construindo e sensibilizando de forma cooperativa e colaborativa os envolvidos no projeto. Portanto, todos se mostram responsáveis e coautores do seu processo de ensino e aprendizagem significativa, fazendo uso da interdisciplinaridade como movimento articulador e ensino e aprendizagem. Interagindo e administrando a gestão da sala de aula como elemento primordial para efetivar a leitura de mundo por parte dos educandos.

1 Optei por utilizar o termo “educando” em vez de “aluno” tendo por base o pensamento freiriano que compreende a continuidade

2 Pessoa com deficiência é a nomenclatura utilizada atualmente de acordo com Decreto n° 6.949 de 25 de agosto de 2009, que promulga a Convenção das Pessoas com Deficiência e da Resolução n° 01 de 15 de outubro de 2010, que altera os dispositivos da Resolução n° 35 de julho de 2005 da CONADE.

FUNDAMENTAÇÃO

A perspectiva de inclusão voltada para as pessoas com deficiência, inicia de forma significativa, por volta da década de 80 com a Declaração de Cuenca, cujo tema foi o direito à educação; à participação e à plena igualdade de oportunidades para a pessoa com deficiência, bem como, a necessidade de relacionar o atendimento educacional adequado com as características individuais de aprendizagem (CARVALHO, 2000).

Na década de 90 com a realização da Conferência Mundial de Educação para Todos, realizada na Tailândia, em 1990, foram elaboradas as diretrizes nessa linha de educação, expandindo o ideal de Educação para Todos, e na Espanha em 1994, outro documento surge nesta mesma linha, a Declaração Salamanca. Este último defende a promoção de uma pedagogia equilibrada, apontando para a inclusão e vislumbrando um modelo capaz de garantir uma educação de “qualidade” para todas as pessoas, independente de serem diferentes, como observamos:

As escolas devem acolher todas as crianças, independente de suas condições físicas, intelectuais, emocionais, sociais, linguísticas ou outras. Devem acolher crianças com deficiências, e crianças bem dotadas; crianças que vivem nas ruas e que trabalham; crianças de populações distantes ou nômades; crianças de minorias linguísticas, étnicas ou culturais, e crianças de outros grupos ou zonas desfavorecidas ou marginalizadas. (Declaração de Salamanca, 1994: 09).

A Declaração de Salamanca é um marco no processo de inclusão. Pois, preza pelo atendimento de muitos grupos, anteriormente segregados. E por meio da conscientização da necessidade de estabelecimento de um olhar mais aguçado, também requer um ambiente escolar diversificado que se mostre favorecedor de múltiplas aprendizagens, onde o educando possa aprender a conquistar o seu lugar social de direito. Sendo assim, a cidadania se efetiva quando se permite instaurar uma educação pautada no respeito às peculiaridades de cada sujeito, por meio de práticas de acessibilidade que configurem um repensar das estratégias de ensino e aprendizagem.

Por buscarmos compreender a complexidade do processo de inclusão escolar e contribuir efetivamente para a promoção do ensino e aprendizagem, levando em consideração os diversos ritmos de aprendizagens e as habilidades diferenciadas dos educandos com deficiência² (baixa visão e surdez), mobilizamos esforços na elaboração de estratégias pedagógicas que dessem suporte as especificidades dos educandos. Ao mesmo tempo em que elaboramos redes de saberes vislumbrando a promoção de um ambiente acolhedor, acessível e educativo para todos. E em particular para os educandos com deficiência.

Mantoan 2009 preza por ações colaborativas e destaca a relevância de estabelecer redes de saberes e de relações que se entrelaçam na reconstrução dos conhecimentos. E, em consonância com a estudiosa, reforçamos a relevância dessas ações pedagógicas, no contexto dos educandos com deficiência, para estabelecer um

entendimento mais abrangente das habilidades e limitações inerentes aos educandos com baixa visão, estimulando-os a perceber e a conviver com cada um e com todos.

Dessa forma, ratificamos nossa problemática, por compreendermos o processo de inclusão escolar como a base do ensino e aprendizagem para a constituição da cidadania. Pois, o trabalho educativo pode vir a promover uma inclusão social do indivíduo, seja no ambiente domiciliar ou profissional. Portanto, elencamos como objetivo geral: promover o conhecimento acerca da deficiência da baixa visão, com produção e uso coletivo de materiais pedagógicos adaptados.

E específicos: a) Conhecer o livro *Floresta Encantada* e a biografia do autor Manuel Victor; b) favorecer estudos sobre a deficiência da baixa visão e a produção de materiais pedagógicos adaptados; c) Promover a culminância com a exposição dos materiais produzidos e utilizados pelos educandos para a comunidade escolar.

Dessa forma, reforçamos a crença de que o respeito às diferenças é princípio fundamental para a superação de barreiras atitudinais² que possam vir a “mascarar” atitudes inclusivas. Na construção de uma escola inclusiva que se mostre sensível e preze pelo respeito as diferenças, ao ritmo de aprendizagem, as peculiaridades do sujeito individual e coletivo, as adaptações curriculares, ao trabalho em equipe, etc. Sendo assim, vislumbrar um contributo social em prol da garantia dos direitos da Educação para Todos.

Conforme Rebouças e Reis 2010,

“... a escola se vê confrontada com o maior desafio ético-profissional: deixar de ser a escola de alguns e para alguns, e passar a ser uma escola de todos e para todos, onde todas as crianças tem direitos, independentemente de suas diferenças individuais e sociais e ter acesso e sucesso no ensino regular”.

Nesse termos, ratificamos a relevância de uma prática docente pautada nas especificidades dos sujeitos individual e coletivo, como elemento favorecedor de aprendizagens significativas.

A partir do reconhecimento de que se faz necessário conhecer para poder intervir de forma efetiva, buscamos em nossa prática pedagógica disseminar o conhecimento a respeito da baixa visão, em prol da construção de coparticipações que direcionem a dinamizem os fazeres pedagógicos para a inclusão escolar e social dos educandos com deficiência – baixa visão.

Conforme a Organização Mundial de Saúde (OMS), considera-se deficiente visual a pessoa que é privada, em parte (segundo critérios preestabelecidos) ou totalmente da capacidade de ver. A Baixa visão ou visão subnormal (para quem tem uma acuidade visual menor que 0,3 (Snellen)³, até a percepção de luz ou, um campo visual menor que 10 graus do ponto de fixação. é o comprometimento do funcionamento visual

3 De acordo com Tavares e Lima (2007), o termo “barreiras atitudinais” configura a atitude de alguém que resulta no impedimento do outro.

4 A tabela de Snellen, também conhecida como optótipo de Snellen ou escala optométrica de Snellen, é um diagrama utilizado para avaliar a acuidade visual () de uma pessoa.

em ambos os olhos, mesmo após correção de erros de refração comuns com uso de óculos, lentes de contato ou cirurgias oftalmológicas. Tendo a classificação do Código Internacional de Doenças CID10-H54.2 - visão subnormal em ambos os olhos.

No nosso entendimento, a base do fazer pedagógico é pautado na observação. E os docentes que atuam nos anos iniciais da educação básica, tem um papel fundamental na observância dos sintomas que podem vir caracterizar futuros problemas de visão. Os principais indícios relacionados à deficiência visual são: constante irritação ocular, excessiva aproximação junto ao rosto para ler ou escrever, dificuldade para leitura à distância, esforço visual, inclinação da cabeça para tentar enxergar melhor, dificuldade de enxergar pequenos obstáculos no chão, nistagmo (olho constantemente trêmulo), estrabismo ou dificuldade de enxergar em ambientes claros.

Mas, nem sempre é possível perceber esses fatores, principalmente quando nos deparamos com as adversidades no exercício da profissão de professor. Seja, de infraestrutura, de formação continuada, de apoio pedagógico, de escolas/classes superlotadas, de sensibilidade para perceber as especificidades de cada sujeito.

Tendo em vista as limitações supracitadas, o sistema educacional, necessita estar atento ao cumprimento de suas funções sociais e pedagógicas, no que diz respeito à gestão, o acompanhamento e a avaliação do ensino e aprendizagem, de todos os envolvidos no processo de ensino e aprendizagem.

Conforme Vasconcelos e Vasconcelos 2010, o âmbito escolar, depois da família, se configura como o primeiro espaço promotor de cultura e de convivência com a diversidade, configurando um eixo central no processo de aprendizagem, levando em consideração o contexto social e cultural ao qual o educando se encontra imerso.

Sendo assim, a convivência ocupa um espaço primordial no desenvolvimento pleno dos educandos. E, diante dessa constatação, a realização de um trabalho de esclarecimento e conscientização acerca do estabelecimento de um “olhar mais sensível” sobre o sujeito com baixa visão a se mostra relevante. Bosa e Hoher, 2009. ratifica que o debate tem sempre um importante papel na educação para a identificação precoce das características de um quadro de deficiência, por parte da família, e para o início do processo de diagnóstico.

Dessa forma, ratificamos a relevância de se manter redes de saberes que perpassem pelas etapas de ensino, como possibilidade de ampliação de conhecimentos acerca da deficiência da baixa visão.

De acordo com Sá 2009,

“... a baixa visão é uma condição visual complexa e heterogênea, com manifestações peculiares em cada indivíduo. Caracteriza-se pela instabilidade pela estabilidade e pelas oscilações entre o ver e o não ver devido a múltiplos fatores orgânicos, emocionais e ambientais”. (p.112.)

Portanto, é no âmbito escolar que temos a oportunidade de aguçar o olhar sobre as dificuldades de aprendizagens e elaborar estratégias para superação das mesmas,

dando continuidade ao processo de ensino e aprendizagem dos educandos com deficiência.

Pois, é na primeira infância, e na educação infantil que se pode, tanto identificar alguns sinais/sintomas da baixa visão, quanto, estabelecer uma estimulação precoce com o uso de práticas pedagógicas específicas que respeitem as diversidades de habilidades focando na superação das dificuldades apresentadas pelo educando.

Contudo, é papel desempenhado pela escola, promover momentos de debates e reflexões entre os familiares e responsáveis dos educandos, em prol da construção de pensamentos e atitudes inclusivas, que levem em consideração a minimização de barreiras atitudinais que possam a vir estigmatizar os educandos com deficiência. É função da escola, promover a superação dos desafios e obstáculos no contexto escolar, e também fora dele, no que diz respeito a ampliação dos saberes dos educandos.

Nesse contexto, a unidade escolar exerce uma função primordial no favorecimento de atitudes e saberes, que dinamizem as aprendizagens vivenciadas, tornando-a um espaço privilegiado de inclusão por ser reconhecida como uma organização social e um lócus educativo do saber. Desempenhando um papel relevante na construção de relações sociais e interpessoais dos sujeitos – conforme, afirma Borges (2001). E favorecer trocas de experiências riquíssimas na construção da identidade do sujeito.

Nessa perspectiva, e almejando favorecer um contributo social, compreendemos a relevância das trocas de experiências no contexto da sala de aula, e também fora dela, que valorizam a diversidade de saberes e de habilidades dos educandos com baixa visão para a promoção de uma aprendizagem significativa. Segundo Santos 2014, *Apud* Ausubel 1980, para que ela aconteça é imprescindível a existência de material potencialmente significativo (conteúdos), estrutura cognitiva preexistente e predisposição à aprendizagem.

Sendo assim, uma boa seleção e organização dos conteúdos, alavancados pelos conhecimentos armazenados, possibilitam a interação evolutiva dos resultados entre os *novos* e *velhos* conhecimentos, na construção e reconstrução dos saberes e sua utilização na prática.

Daí a importância de disseminar a formação de redes de saberes, no seio das unidades escolares. E, também fora delas. Com o estabelecimento de parcerias com a comunidade escolar, com adaptações curriculares para a minimização e possíveis eliminação das barreiras atitudinais e procedimentais, respeitando e valorizando do conhecimento do sujeito individual e coletivo, para a estimulação de suas dimensões sociais, afetivas, cognitivas, na constituição do cidadão de direitos. E da garantia de uma Educação para Todos.

INSTRUMENTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa, de acordo com Marli André (1995) é de caráter qualitativo do tipo

etnográfico participativo. Em que as pesquisadoras interagem com o objeto de estudo e compreende a descrição, a formulação de conceitos, hipóteses e a aplicabilidade delas.

Público alvo:

Educandos do Ensino Fundamental I, matriculados na turma do 2º ano B, no primeiro turno da Escola Municipal Professor José Pantaleão Dutra Júnior, localizada em Charneca, Cabo de Santo Agostinho, Pernambuco. E Comunidade escolar.

Recursos didáticos:

Cartazes; aparelho de som, TV, projetor, modem; materiais didáticos adaptados; janela de teatro, caderno de pauta ampliada, lupa, livro didático. Exibição de vídeos e reportagens sobre a baixa visão, dramatizações, texto ampliado e reduzido, papéis coloridos, cola, tesoura, lápis hidrocor, atividades escritas adaptadas, papéis para dobradura, tnt, livro ampliado, lápis grafite do tipo 6B, etc.

METODOLOGIA

1º momento - Foram realizados estudos dirigidos tendo como base livro A Floresta Encantada de Manuel Victor. De início foram trabalhados os elementos pre-textuais, no sentido de instigar os educandos sobre a leitura que seria realizada. Na roda de conversa os educandos puderam validar suas hipóteses a respeito do que encontrariam e/ou apreenderiam com o livro.

A leitura aconteceu em dois momentos distintos: primeiro de forma imagética e forma verbal em que os estudantes ouviam e fizeram associações as ilustrações apresentadas. Em seguida, em Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), para os educandos surdos inclusos na sala de aula regular, compreendessem e significassem os conhecimentos acerca do que é a baixa visão. Após foi realizada a releitura oral e escrito da história com a produção de um texto coletivo com a criação de um novo final para a história estudada, e ilustrações produzidas com a técnica de dobradura.

Essa etapa do trabalho foi muito gratificante. Pois, participar da construção e ressignificação dos saberes dos educandos é uma situação ímpar. Eles refletiram e colocaram-se no lugar do “outro”, participando ativamente das atividades propostas.

2º momento - Estudo dirigido, sobre a deficiência da Baixa visão com a exibição do vídeo da entrevista do autor do livro A Floresta Encantada, Manoel Victor, sobre o lançamento do seu segundo livro A Floresta Encantada II, na Feira de Livro de Pernambuco no ano corrente. Durante esta etapa das atividades convidamos o nosso educando que tem baixa visão (do quarto ano) para fazer parte dos estudos, e ele relatou as dificuldades que a limitação da visão impõe ao desenvolvimento escolar. Por

isso, quanto mais pessoas forem esclarecidas sobre o que é a baixa visão, estaremos um passo à frente para minimização de barreiras atitudinais que possam a vir mascarar ideias e ações inclusivas.

Os educandos ficaram surpresos com a fala do colega, e com alguns materiais (tecnologias assistivas) demonstrado por ele. E viram na prática que apesar das dificuldades encontradas no âmbito escolar, é possível superá-las com suportes pedagógicos adequados, promovendo ambientes de interações pedagógicas que possibilitem o despertar da sensibilidade dos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem.

O decorrer dessa etapa de estudos, foi de grande satisfação ao perceber que ambos os educandos (surdo e com baixa visão) mostraram-se surpresos a respeito das dificuldades enfrentadas e superadas por de cada um deles. Demonstraram aceitação e respeito incrível para com o “outro”. Ajudando-se mutuamente na realização das atividades. Na produção e utilização de materiais pedagógicos adaptados, como: a lupa, trabalhar a escrita no caderno de pauta ampliada; observação de texto com diferentes tamanhos de fontes e cores, utilizar o ambiente mais claro ou escuro para a identificação de objetos e suas formas, uso de auxílios ópticos, observar a tradução em LIBRAS.

Com essas ações perceberam, também, a importância de se manter o ambiente escolar livre de poluição visual. Pois, o educando com baixa visão necessita de estímulos visuais que o auxiliem na leitura de mundo. Portanto, deve-se ter cautela quanto a afixação de cartazes e murais. Também, realizaram a produção dos personagens da história com a técnica da dobraduras para a organização de um painel que retratasse a história estudada no livro.

3º momento - Reflexão a respeito de tudo o que foi estudado, com uma roda de conversa mediada e traduzida em LIBRAS para todos os educandos, e produção de material pedagógico adaptado; organização coletiva do um painel para a exposição da culminância do projeto com a técnica da dobradura. Também, a produção de um bilhete coletivo para o autor do livro, Manuel Victor. Evidenciando a opinião da turma a respeito do livro e do seu impacto na produção e ressignificação dos conhecimentos.

E para encerrarmos realizamos a culminância com a exposição de materiais pedagógicos adaptados, o painel sobre a história e a visita da comunidade escolar.

O projeto “Baixa visão e a interdisciplinaridade na ampliação dos saberes” foi bem aceito pelo público-alvo, no desenrolar das atividades. Pois, tiveram a oportunidade de conhecer e aprender mais sobre a baixa visão, e sobre as relações interpessoais desenvolvidas entre os educandos com e sem deficiência. Também refletiram a respeito da produção e o uso dos materiais pedagógicos adaptados que dão suporte ao ensino e aprendizagem dos educandos com deficiência.

Eixos Contemplados: Língua Portuguesa na modalidade escrita e oral ; Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS; matemática, números e operações – quantificação, simetria, forma geométricas; Arte (dobraduras) etc.

AVALIAÇÃO

Ao longo do processo foram analisados aspectos conceituais, atitudinais e procedimentais dos envolvidos no projeto; gestando, acompanhando e avaliando o processo de ensino e aprendizagem dos educandos e demais participantes. Observamos, também, a assiduidade, a participação e o interesse de todos os envolvidos em situações didáticas promovidas no espaço escolar e fora dele.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A aplicação do projeto oportunizou abordar de forma ampla e aprofundada a deficiência da Baixa visão. Foi por meio da leitura do livro escrito por Manuel Victor “A Floresta Encantada” que podemos visualizar o texto com letra ampliada, adaptado para os leitores com baixa visão. Possibilitando perceber as diferenças na diagramação do livro, que é muito colorido e com o texto ampliado. específica para o atendimento do público em questão – educandos com baixa visão. Também, produzimos a reescrita coletiva da história – texto oral, escrito, e sinalizado com o propósito de sermos capazes de refletir acerca do contexto da criação da história e da relevância de se promover pensamentos e ações inclusivas em prol da aceitação e valorização dos educandos com deficiência Baixa visão.

As ações pedagógicas foram gratificantes, no sentido de construir mutuamente o respeito a aceitação do “outro” como sujeitos possuidores de individualidades e habilidades diferenciadas. Os educandos demonstraram atenção e respeito ao “outro” enquanto sujeito ativos e corresponsáveis em busca de novos conhecimentos. Pois, aprenderam na prática como é importante para o educando com baixa visão a utilização os recursos pedagógicos adaptados.

A última etapa do projeto foi a produção de um bilhete feito de forma coletiva, para o autor Manuel Victor. Esse bilhete expressa a opinião da turma acerca das impressões acerca do livro do autor, elogiando e pontoando a relevância do material/ livro adaptado para o público de leitores que também tem a baixa visão. E, também expressaram a vontade de conhece-lo pessoalmente. Com a culminância, tivemos a certeza do cumprimento do nosso papel social e pedagógico enquanto instituição de ensino.

CONSIDERAÇÕES

No contexto em questão, o processo de aprendizagem significativa foi otimizado e os participantes ampliaram e compartilharam seus saberes, tecendo uma rede de saberes tão relevante para disseminar o conhecimento para além dos muros da escola

e, ampliar a possibilidade de leitura de mundo.

Dessa forma, temos a crença quanto a minimização das barreiras atitudinais em prol da inclusão escolar e social. Ao mesmo tempo em que os educandos produziram e ressignificaram saberes de forma lúdica, brincando e refletindo acerca do que estava sendo proposto nas atividades pedagógicas.

Para nós, docentes, fica a certeza de que de um novo aprendizado foi oportunizado, ressignificado e assimilado, com a instauração de um ambiente educacional acolhedor e inclusivo para as pessoas que tem baixa visão, ou algum tipo de deficiência. Tendo contribuído para a instauração de um olhar mais sensível para com os sujeitos possuidores de habilidades e potencialidades diversificadas a serem desenvolvidas por meios de estímulos adequados e materiais pedagógicos adaptados. Em prol de uma Educação Para Todos.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, Marli Eliza D. A. de. **Etnografia da Prática Escolar**. 2º Ed. Campinas: Papyrus, 1995.

BORGES, Maria Creuza de Araújo. **Os Impactos da Reestruturação Produtiva numa Concepção de Gestão**. In R. de Adm. Educacional; Ed Universitária. Recife, v1, n.7, PL-137, jan/jun, 2001.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: Lei nº 9.394/96**. 5º Ed. Brasília, Câmara dos Deputados, Edição Câmara, 2010.

CARVALHO, Rosita Edler. **A Nova LDB e a educação Especial**. 2ºed. Rio de Janeiro: WVA, MEC, 2000.

MANTOAN, Maria Tresa Eglér. **Inclusão escolar: O quê? Por quê? Como fazer?** 2º Ed. São Paulo: Moderna, 2006.

ONU. **Declaração das Nações Unidas**. Declaração de Salamanca. Espanha, 1994.

QUADROS, Ronice Müller de. **Situando as diferenças implicadas na educação de surdos: inclusão/exclusão**. Ponto de Vista, Florianópolis, n.05, p. 81-111, 2003.

REBOUÇAS, Eleuza e REIS, Silvana. **Viver, conviver e ver diferente**. In: **Saberes sobre Inclusão Escolar**. Albuquerque e Neves (Orgs). 2010.

SÁ, Elizabet Dias de. **Atendimento Educacional Especializado para Alunos Cegos e com Baixa Visão**. In O Desafio das Diferenças na Escola. Maria Tereza Égler Mantoan (Org). 2 Ed. _ Petrópolis, Rj: Vozse, 2009.

SANTOS, Luíza Garcia dos. **Por uma Escola sem Exclusões: intervenções pedagógicas junto a estudantes cegos e com baixa visão**. In: Caminhos para uma Educação Inclusiva: Políticas, práticas e apoios especializados. Martins, Pires e Pires (Orgs). João Pessoa: Ideia, 2014.

UNESCO. **Convenção Internacional dos Direitos das Pessoas com Deficiências**. 2007.

VICTOR, Manuel. **A Floresta Encantada**. - Recife: Bagaço, 2013.

Acuidade visual In: https://pt.wikipedia.org/wiki/Tabela_de_Snellen Acesso em: 14. 07.2016.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-030-8



9 788572 470308